

Artigo

Tiros em Columbine ou a decadência do império americano

Jorge Nóvoa jlbnovoa@yahoo.com.br

Historiador. Doutor e Professor do Departamento e Pós-Graduação em História e Ciências Sociais da UFBA, Coordenador da Oficina Cinema-História e Editor da revista *O Olho da História*

Sinopse

Documentário que investiga a fascinação dos americanos pelas armas de fogo. Michael Moore, diretor e narrador do filme questiona a origem dessa cultura bélica e busca respostas visitando pequenas cidades dos Estados Unidos, onde a maior parte dos moradores guarda uma arma em casa. Entre essas cidades está Littleton, no Colorado, onde fica o colégio Columbine. Lá os adolescentes Dylan Klebold e Eric Harris pegaram as armas dos pais e mataram 14 estudantes e um professor no refeitório. Michael Moore também faz uma visita ao ator Charlton Heston, presidente da Associação Americana do Rifle.

Comentário Crítico

Da história do século XX uma infinidade de questões mais ou menos cruciais pode ser observada através das representações cinematográficas. Elas têm demonstrado também, através de suas dimensões estéticas, serem um excelente meio de revelação das contradições do mundo contemporâneo. Si a literatura e as artes em geral revelaram e revelam as contradições de suas épocas, o cinema também, tem uma capacidade ainda superior se levarmos em consideração o que se chama o seu efeito de realidade. O cinema amplia as possibilidades de representar o real. Em certos aspectos, nenhuma outra forma pode se equivaler a ele pelas potencialidades de expressão, artística ou outra. Por isso, cem anos de cinema capturou, e vem capturando, a vida nas suas mais variadas facetas objetivas e subjetivas e nos dando, através de seus discursos e representações, a ilusão de vivermos o real concreto, histórico.

Portanto, além das questões objetivas que o cinema vive e revive, pode nos interessar pelas questões subjetivas dessa "sobrevivência" e que ilustram também, tanto quanto as objetivas, o que se tem chamado de decadência da "civilização ocidental". Porém, o conteúdo objetivo desses dramas e tragédias de guerras, assassinatos, corrupções, manipulações, hipocrisia, são os

impasses estruturais do sistema capitalista mundial, ilustrado de modo particular pela decadência do império americano. Tudo isso torna perversa e cínica no que diz respeito aos EUA a paranóia da permanentemente possível invasão estrangeira, vez que os ancestrais brancos reivindicados pelas classes dominantes do país foram, de fato, os invasores de uma terra antes habitada pelas inúmeras tribos indígenas cuja desaparecimento foi cultuada como uma religião e representada pelos filmes de cow-boy, rendeu rios de dólares a Hollywood. Os dólares, as armas, a brancura dos ancestrais, a extrema direita, e a Ku Klux Klan, foram também cultuados pelo filme que enriqueceu seu diretor. Com *O nascimento de uma nação*, e com tal fortuna, David Griffith termina fundando os primeiros estúdios de Hollywood, se tornando, ao mesmo tempo, empresário e artista e um dos maiores difusores da idéia de que os brancos haviam construído um paraíso na América, até a chegada dos negros. Porém, tudo tem o seu contrário. Na terra de Hollywood alguns autores adquiriram fama e prestígio (além de dinheiro também) fazendo filmes que mostram o reverso da medalha. Este é o caso de Michael Moore. Com *Tiros em Columbine* Moore recebeu o Oscar de melhor documentário e aproveitou seu discurso quando foi receber o prêmio, para criticar a eleição de Bush e a guerra dos EUA contra o Iraque.

Lutar contra a guerra “interna” e externa é o programa político de Michael Moore. E *Tiros em Columbine* bem que serve a este objetivo. Aliás, ele é claramente assumido. Seu diretor, Moore, disse sem tergiversações, serem seus filmes militantes mesmo. Diretor provocativo que deu ao gênero documentário uma dimensão extraordinária na terra de Hollywood, Moore pretende se colocar frontalmente contra a mentalidade belicista dominante na sociedade americana, assim como também, contra os ideais da direita, no país em que o individualismo consumista prima sobre todos os outros, como os valores humanistas de solidariedade, por exemplo. Em *Tiros em Columbine* o diretor Moore pretende simplesmente denunciar a obsessão por ganhar dinheiro com a venda de armas – e, portanto, com a morte de seres humanos, e a relação que existe entre a produção permanente do medo e a necessidade de auto-proteção através das armas.

Com *Tiros em Columbine* em cima daquilo que muitos jornalistas noticiaram como algo mais ou menos corriqueiro - e que acontece quase todos

os anos em vários estados norte-americanos, Moore constrói um grande libelo humanista. A tragédia, entretanto, ocorreu na Escola Columbine, em Littleton, no Estado do Colorado, em 1999. Dois alunos atiraram em 12 colegas e um Professor, matando-os e ferindo muitos outros colegas. Estavam munidos de bombas e rifles semi-automáticos e pareciam (porque vemos tudo diretamente no filme) munidos também de uma aura: não estavam perturbados. Pareciam cumprir fria e conscientemente uma tarefa de saneamento. De posse dos filmes dos circuitos de segurança internos da Escola, dos diálogos entre professores e policiais e de entrevistas com alguns dos sobreviventes daquele trágico dia, Moore parte para procurar uma resposta que não poderá ser através da boca dos executores da engrenagem mortífera, vez que eles se suicidaram. Tão logo pôde, estabelece uma relação de necessidade entre a violência primária desses jovens e aquela do próprio Estado. Um dia antes do massacre, a fábrica de mísseis (a maior do país) que fica ao lado da Escola, bateu todos recordes anteriores, vez que então, teve o maior número de seus produtos destrutivos atirados em Kosovo. Os Estados Unidos são assim. Seus soldados são assim. Despejam bombas sobre a população afegã ou a de Bagdá ouvido peça de rock e mascando chicletes. Que diferença têm dos nazistas que testaram seus engenhos mortíferos em Guernica!

Charlton Heston, Presidente da NRA (algo como Associação Nacional de Rifles) aparece várias vezes fazendo discursos e campanha contra a proibição do uso de armas, tendo inclusive Moore ido à sua casa para entrevistá-lo. E este faz isto com muita habilidade desmoralizando o velho canastrão racista e de extrema direita que diz em alto e bom som que “é um direito dos americanos armarem-se para defender os valores que herdaram dos pioneiros brancos que criaram a grandeza da América”. São 11 mil mortes anuais por armas de fogo nos Estados Unidos. A maioria das vítimas é de negras e negros pobres. Mas ao lado, no Canadá, o índice de mortes por armas de fogo é baixíssimo. Moore vai ao Canadá e através de entrevistas a personagens de diversos setores sociais chega à conclusão que a explicação só pode estar na mentalidade.

Os analistas diversos comentem equívocos às vezes, mas nem sempre se tratam apenas de equívocos. A população americana é, em termos proporcionais, ao mesmo tempo, a mais desinformada e a mais manipulada,

das sociedades industrialmente avançadas, em total contradição com o elevado grau de desenvolvimento tecnológico e científico alcançado pelo país. Em *Tiros em Colombine* Michael Moore procura despertar o povo americano para algo que se encontra inevitavelmente cada vez mais no centro da propulsão do capitalismo mundial: a indústria de armamentos. É verdade que Moore não vai até as últimas consequências na sua explicação-demonstração. Para isto ele teria de ser capaz de mostrar de que modo a indústria de armamentos está ancorada na estrutura mesma do capitalismo contemporâneo. Mas o ponto de partida de seu filme não é menos significativo quando retrata com documentos imagéticos diversos uma espécie de patologia que vem se desenvolvendo em centros urbanos diversos e que envolve, não apenas pessoas jovens e desempregadas, mas homens e mulheres de idades, raças e classes sociais distintas. Atirar em crianças e adolescentes nas escolas e colégios dos Estados Unidos virou uma espécie de síndrome. Mas a questão inicial é simplesmente a seguinte: por quê?

As respostas são múltiplas e na verdade cada ato individual é a síntese de múltiplos fatores histórico-sociais e psicológicos. Alguns atiradores se suicidam após a sessão de crimes em série. Matam crianças e jovens. Muitas vezes são eles mesmos jovens. Jovens sem futuro ou com um futuro traçado pelas guerras a vir. Educados em escolas, mas também pelos video-games de guerras. Mas matar crianças e jovens é matar a esperança da vida, é matar a mais longa vida que se pode esperar! Curiosamente, como mostra o filme, os responsabilizados não são os produtores de armas ou o Estado ou os governantes. No filme a mídia comum associa aos crimes em série, tantos personagens como um cantor de uma banda de rock chamado Marilyn Manson. Este é entrevistado por Moore e diz que parece ser mais fácil acreditar que ele seja capaz de produzir mortes em série do que o Presidente Bush, quando ele tem muito menos poder que o Presidente.

Moore nos mostrou o quanto a democracia americana é uma abstração diante da truculência invencível da indústria de armamentos. As bombas, como os canhões não querem os museus e o capitalismo americano, para sobreviver, necessita a injeção de 500 bilhões anuais na indústria de armamentos. Sozinho, esse orçamento é o equivalente ao orçamento militar das dez maiores potências mundiais depois dos Estados Unidos. E desse

modo, dinheiro público financia a indústria privada para matar e destruir o público. A indústria de armamentos é a única com essas características: o estado assegura seu mercado comprando antecipadamente seus produtos e investindo também antecipadamente na sua produção. É isto que há mais de um século tem sido um dos fatores fundamentais explicativos da “longevidade” capitalista. O capitalismo precisa de guerras. Os capitalistas têm nelas os seus respiradouros.

Assim, a leitura que extraímos de uma gama considerável de filmes produzidos pela indústria cinematográfica americana, por exemplo, parece corroborar a idéia de que aquilo que se denomina de “civilização ocidental” está em plena decadência. A ilusão do progresso esconde a miséria em muitos campos. Não é possível deixar de discutir a noção de “civilização”. Talvez, não seja por acaso que uma muito boa safra de filmes tenha sido produzida nos últimos anos. Mais ou menos conscientemente busca dar conta desse processo no qual a humanidade inteira parece não conseguir lutar contra a economia-política da pulsão de morte. *Tiros em Columbine* e *Fahrenheit 11/9* banham-se no mesmo caldo, como um outro filme crítico, por exemplo, *Dogville*.

Moore repetirá sua motivação em outros filmes e especialmente em *Fahrenheit 11/9*. Ele parece se ultrapassar nele. Mas uma limitação de sua abordagem permanece visível: ele não consegue ir fundo na crítica às bases da sociedade capitalista. Em *Fahrenheit 11/9* ele parece aceitar a versão oficial cada vez mais contestada sobre os atentados de 11 de setembro de 2001¹. Este acontecimento está se caracterizando como a maior manipulação da história com o objetivo de justificar a idéia de que o inimigo exterior já se encontra no interior do país.

O inferno - em *Columbine*, em Bagdá, em Berlim, em Moscou e no mundo, são os outros, como diria Jean-Paul Sartre. Que tipo de vida, de tratamento, de concorrência (dentro e fora da escola) foram submetidos os jovens atiradores de *Columbine*? Seja como for, são filhos do seu tempo com o qual se parecem mais que com os próprios pais. Seus sintomas - como os de tantos outros jovens, foram de destruição e de autodestruição. São doenças individuais e sociais em curso. Patologias como as de filhos que assassinam os

pais para ficarem com as aposentadorias se banham nesse ambiente histórico-social. Por que não as dos jovens de Columbine!

Notas

¹MEYSSAN, Thierry. 11 de setembro de 2001: uma terrível farsa. São Paulo, Usina do Livro, 2003. CHOMSKY, Noam. 11 de setembro. Rio de Janeiro, Bertrand, 2002.

Ficha Técnica

Título: Tiros em Columbine. (Bowling for ColumbineEUA. 2002) *Gênero* Documentário. *Tempo de Duração:* 120 minutos *Direção:* [Michael Moore](#) *Roteiro:* Michael Moore. *Produção:* Charles Bishop, Jim Czarnecki, Michael Donovan, Kathleen Glynn e Michael Moore. *Música:* Jeff Gibbs. *Fotografia:* Brian Danitz e Michael McDonough. *Edição:* Kurt Engfehr. *Elenco* Michael Moore (Michael Moore) Denise Ames (Garota sexy com arma), [Charlton Heston](#) (Charlton Heston), Marilyn Manson (Marilyn Manson), Matt Stone (Matt Stone), Barry Galsser (Barry Galsser), John Nichols (John Nichols).

Sugestões de Leitura

CHESNAIS, François. *A mundialização do capital.* São Paulo, Xamã, 1996.

CHESNAIS, François. *A mundialização do capital.* São Paulo, Xamã, 1996.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo.* Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: *Os Pensadores.* São Paulo, Abril Cultural, 1978.

FUKUYAMA, Francis. *O FIM DA HISTÓRIA E O ÚLTIMO HOMEM.* Rio de Janeiro, Rocco, 1992.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991).* São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

MARX, K. *Le Capital.* Paris, Ed. Sociales, 1995.

MARX, K. *Le Capital.* Paris, Ed. Sociales, 1995.

NÓVOA, Jorge NÓVOA, Jorge "A orfandade dos trabalhadores". In: *O Olho da História.* v.1, n.4, - (1997) – Salvador-Ba: jul, 97. pp 45 a 57

NÓVOA, Jorge. "O Canto do Cisne". In: *A História à deriva: um balanço de fim de século.* Salvador, EDUFBA, 1993.